

## IMAGEM NO BRASIL

### **Professora, não delete o quadro! Eu não terminei de copiar!**

Dostoiewski Mariatt de Oliveira Champagnatt



A imagem apresentada pode suscitar diversas análises no que se refere à educação e novas tecnologias, podendo-se vislumbrar pontos referentes às políticas de modernização das escolas, à logística de instalação, funcionamento e apropriações das tecnologias da informação e comunicação na educação.

O primeiro ponto a ser observado é que o computador é um notebook, o que pode remeter ao projeto UCA (Um Computador por Aluno), em que cada um teria o seu computador portátil para levar para escola e para casa. Este projeto, em sua constituição, coloca o ato de “dar computadores nas mãos dos alunos” como solução para uma educação informatizada sem abordar, com devida atenção, suas possíveis formas de usos no processo de ensino-aprendizagem. A

partir dessa primeira análise, observa-se uma professora dentro do *notebook*, apagando um quadro-negro escrito com giz branco. Esta metáfora visual pode exemplificar um dos possíveis usos do computador/internet na escola, que seria o de repetir tradicionais métodos didáticos nas aulas, como cópia de conteúdos e modelo de aula um-todos, onde só o professor fala e não há discussões, críticas e nem participação mais ativa dos alunos (CHAMPANGNATTE, 2009; SILVA, 2000). A imagem remete à questão de que somente a presença do computador não altera por si só a dinâmica do ensino-aprendizagem e que, em muitos casos, só maquia práticas tradicionais já bastante utilizadas e criticadas pelas próprias políticas de modernização da educação. Na imagem, o computador não passaria de um novo quadro-negro, onde o professor colocaria uma matéria fechada e os alunos a copiariam ou fariam *download* para estudar.

Um segundo ponto aproxima-se do ensino a distância, com o professor e o quadro-negro, dentro do computador, representando o “conteúdo” da aula. Os alunos, portanto, teriam que ir ao encontro do computador para aprender este conteúdo. Na imagem, os alunos estão caminhando para a tela para ver o professor/conteúdo, numa grande projeção como no cinema e, assim como nesse meio, não há ali nenhum posicionamento de troca entre professor-aluno, ou mesmo entre aluno-plataforma/tela. Não se vislumbra o ensino, só o aprendizado fechado nesse professor/conteúdo preso no notebook. A aprendizagem ficaria por conta do aluno e o ensino não existiria.

A partir da imagem nota-se que o aprender tem que ser uma busca do aluno, seja no ensino presencial ou à distância, ele é quem tem que buscar, subir (o *notebook* é semelhante a uma escada) para alcançar o conhecimento que está ali dentro. O professor, que não mais ensina ou não tem a possibilidade de, está de costas (será que está exatamente ali naquele tempo-espço?), alheio aos alunos, parado e preso em quadro-negro/giz e políticas de modernização das

escolas. Seja no presencial ou à distância, nota-se que o notebook não traz nada de novo, mas modifica o “velho” (tira o ensino e foca na auto-aprendizagem).

Esperar que as tecnologias, por si só, sejam a salvação da educação ou que sejam uma Meca para onde os alunos tenham que migrar (onde se apaga a figura da escola e do professor) são posicionamentos que têm que ser discutidos. Esta imagem ilustra diversos pontos críticos comentados neste pequeno texto. Atentar para as apropriações dessas tecnologias e para os discursos de suas políticas pode ser um caminho para que se gerem políticas com menos mercantilização da educação e mais preocupação com as reais melhorias do ensino-aprendizagem.

## **REFERÊNCIAS**

**CHAMPANGNATTE, D.M.O. Possibilidades de usos e mediações da mídias em sala de aula. Dissertação de Mestrado. UNESA, 2009.**

**SILVA, M. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.**

### **Sobre o autor:**

Doutorando do ProPEd/UERJ, membro do grupo de pesquisa Educação e Comunicação.